



ID: 121992398

12-03-2026

PAÍS
POSSÍVEL

Guerra e indiferença



POR

**Maria de Lurdes
Rodrigues**

Professora universitária

Cresci e cheguei à idade adulta num tempo de condenação da guerra, de todas as guerras, num tempo em que os valores da paz eram inquestionáveis. Em Portugal, as raparigas sofriam e temiam, com as mães dos rapazes, o recrutamento e a mobilização para a guerra colonial, uma guerra sem sentido e vivida com muito sofrimento. Não havia, à minha volta, hesitações na condenação da guerra colonial, das guerras em geral, dos processos de militarização e das indústrias de guerra.

Num curtíssimo espaço de tempo tudo parece ter mudado. A guerra da Ucrânia iniciada com um ataque da Rússia e, agora, a guerra do Irão iniciada por Israel e pelos EUA tiveram dois efeitos. Primeiro, a tomada

de consciência, pelos europeus, de que necessitavam de se organizar e de investir para se defenderem num contexto internacional mais agressivo e desregulado. Segundo, a difusão da ideia de que é inevitável o caminho da “lei da força”, sendo o diálogo e a negociação coisas do passado.

O que mais me espanta, nisto tudo, são as reações comuns à guerra, em particular a indiferença perante o seu carácter destrutivo. Indiferença alimentada pela banalização de imagens de terror e pela utilização de uma linguagem agressiva que procura transformar vilões em heróis. Indiferença perante justificações e autoglorificações indignas. Indiferença quando se ouve o presidente dos EUA dizer, fanfarrão, que o ataque ao Irão está a ser uma “excursão”. Indiferença quando se vê o vídeo produzido pela Casa Branca que mistura imagens de filmes de Hollywood com imagens reais dos ataques ao Irão. Indiferença perante a forma como se mente e se des-

valoriza o ataque dos EUA que atingiu uma escola de raparigas.

Há, no entanto, esperança quando se ouvem reações daqueles que não se conformam com os novos tempos. Por exemplo, a reação do cardeal norte-americano Blase Cupich, que classificou como repugnante aquele vídeo da Casa Branca, afirmando que “perdemos a nossa humanidade quando somos cativados pelo poder destrutivo das nossas forças armadas” e condenando o uso de imagens de morte e destruição como entretenimento.

Precisamos de mais indignação publicamente afirmada com a guerra. Precisamos de trazer de volta o pacifismo que tão mobilizador foi noutros tempos. A guerra não é método desejável para a resolução de diferendos, nem para punir a iniquidade. Não podemos aceitar que a regra da força substitua a negociação e a regulação institucional internacional. A guerra não nos pode ser indiferente.

Precisamos de trazer de volta o pacifismo que tão mobilizador foi noutros tempos. A guerra não é método desejável para a resolução de diferendos, nem para punir a iniquidade.